

ONA SI QUILOMBO: FRAGMENTOS HISTÓRICOS DO “QUILOMBO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS DO LAGO DO SERPA” DE ITACOATIARA AMAZONAS

ONA SI QUILOMBO: HISTORICAL FRAGMENTS OF THE “QUILOMBO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS DO LAGO DO SERPA” FROM ITACOATIARA AMAZONAS

[Fabiane Aparecida Santos Clemente, Universidade Federal do Amazonas (ICET/UFAM); Pós Doutora em Educação, fabianeclemente@ufam.edu.br.]

[Yana Gomes Inhuma, Universidade Federal do Amazonas (ICET/UFAM); Graduanda em Engenharia Sanitária, yana-gomes@hotmail.com]

TABA 5: Movimentos sociais, grupos, insurgências e resistência na América Latina

Resumo

Quilombo é uma comunidade de resistência negra contra o regime escravocrata. A luta pelo seu território, pelos direitos e até mesmo pela perpetuação de sua cultura é constante. O Brasil possui quase 4 mil comunidades quilombolas distribuídas em pelo menos 24 Estados. Apesar da existência de vários povos tradicionais no contexto brasileiro, seus saberes e práticas culturais ainda são negligenciados pela sociedade. Este artigo tem como objetivo geral apresentar um pouco da história uma Comunidade Quilombola de Itacoatiara/Amazonas, a comunidade quilombola Sagrado coração de Jesus do lago do Serpa. Os objetivos específicos contemplam-se em: mostrar a realidade atual do quilombo; e identificar se os aspectos culturais e as tradições ainda estão preservadas. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo deu-se pelas pesquisas bibliográficas e documental, com apropriação do Estado do Conhecimento. A comunidade possui mais de 100 famílias, cerca de 500 pessoas cadastradas, as quais ainda vivem do extrativismo e da agricultura. Os moradores são em sua grande maioria católicos, e poucos são protestantes ou adventistas. Identificou-se poucas publicações que discutem os artefatos culturais ou práticas da cultura negra nos documentos analisados. A pesquisa revela a necessidade de trabalhos e pesquisas que venham contribuir com o resgate identitário negro do povo da comunidade, assim como a valorização e registro da cultura originária deste povo.

Palavras chaves: Quilombo. Comunidade Quilombola. Identidade.

ABSTRACT

Quilombo is a black resistance community against the slave regime. The struggle for their territory, for rights and even for the perpetuation of their culture is constant. Brazil has almost 4 thousand quilombola communities distributed in at least 24 states. Despite the existence of several traditional peoples in the Brazilian context, their knowledge and cultural practices are still neglected by society. This article has as general objective to present a bit of history a Quilombola Community of Itacoatiara / Amazonas, the quilombola community “Sagrado coração de Jesus do Lago do Serpa”. The specific objectives are to: show the current reality of the quilombo; and identify whether cultural aspects and traditions are still preserved. The methodology used for the development of this article was given by bibliographic and documentary research, with appropriation of the State of Knowledge. The community has more than 100 families, about 500 registered people, as they still live off the extraction and agriculture. The residents are mostly Catholics, and few are Protestants or Adventists. Few publications were identified that discuss the cultural artifacts or practices of black culture in the analyzed documents. The research reveals the need for work and research that will contribute to the recovery of the black identity of the people of the community, as well as the appreciation and registration of the original culture of this people.

Palavras chaves: Quilombo. Quilombola Community. Identity.

Introdução e referencial teórico

Um dos espaços importantes de resistência no Brasil são os quilombos. Constituídos também de resistência cultural, esses espaços são considerados como “remanescentes de quilombos” e muitos deles apresentam as memórias, tradições, artefatos dos antepassados negros escravizados no país. “A palavra “quilombo” é de origem banto e quer dizer: acampamento ou fortaleza. Foi um termo usado pelos portugueses para designar as povoações construídas pelos escravos fugidos do cativoiro” (DA SILVA, DA SILVA, 2014, p.193). A luta pelo seu território, pelos direitos e até mesmo pela perpetuação de sua cultura é constante. O Brasil possui quase 4 mil comunidades quilombolas distribuídas em pelo menos 24 Estados (CPISP, 2020, PALMARES, 2008, 2015). Distribuídos por diversos Estados, as maiores concentrações são nos Estados de Maranhão com 816 e Bahia com 811, e as menores concentrações nos Estados do Amazonas com 8 e Rondônia também com 8 (PALMARES, 2020). Apesar da existência de vários povos tradicionais no contexto brasileiro, seus saberes e práticas culturais ainda são negligenciados pela sociedade (CPISP, 2020, PALMARES, 2008, 2015).

Analisar a constituição desses espaços, resgatar a sua história e manter viva a memória de luta dos antepassados que ali viveram e que se fazem presentes com seus descendentes é essencial para entender e se apropriar da verdadeira história do país. Segundo dados da Observatório de Terras quilombolas, existem 1779 terras com processos abertos junto ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), 01 terra Quilombola declarada em 2020, 05 relatórios de identificação publicados em 2020 (CPISP, 2021).

O Brasil tem uma história marcante sobre o tráfico e comércio de africanos, um dos grandes empreendimentos comerciais que ficou registrado para a formação do mundo moderno e a criação de um sistema econômico mundial (FERNANDES, 2010). O último país que aboliu legalmente a escravidão e o que mais importou escravos, os anos de escravidão refletem de maneira intensa na realidade social, econômica e cultural da sociedade brasileira (FURTADO; PEDROZA; ALVES, 2014). A diáspora africana pelo mundo foi realizada de forma cruel e forçada, com os negros sendo arrancados de seus lares, viajando em condições sub-humanas e escravizados em seus destinos (DA SILVA; DA SILVA, 2014).

Os milhões de africanos que foram importados da África para o Brasil exerceram diversas atividades, bem como trabalhos nas grandes lavouras, na extração do ouro e de metais preciosos, e até mesmo desenvolvendo outras tarefas nos centros das cidades (FERNANDES, 2010). Ainda segundo a mesma autora, por mais de três séculos, os negociantes europeus se dedicaram a essa atividade e em escalas cada vez maiores, por conta dos lucros oferecidos pelo empreendimento somados a crescente necessidade de mão-de-obra para o trabalho agrícola.

De acordo com Furtado; Pedroza; Alves, (2014) no decorrer do período da escravidão, aconteceram muitos protestos e rebeliões contra essa dominação, tudo pela busca incansável de sobreviver em um país com costumes totalmente diferentes dos nativos da África.

A manifestação típica da insubordinação negra foi o que se convencionou chamar de Quilombo, sendo esta uma forma de sobrevivência e luta contra a escravidão diante das repressões evidenciadas. Inúmeros negros foragidos organizaram-se em localidades distantes o suficiente para resistirem ao sistema escravista imposto, constituindo-se, assim, os quilombos, lugar de refúgio desses negros. Essa era a alternativa possível diante do quadro de escravidão: refugiar-se em local de difícil acesso e manter-se em posição defensiva, lutando para sobreviver. (FREITAS, 1984; apud, FURTADO, PEDROZA, ALVES, 2014).

Com a abolição da escravidão pela Lei Áurea, oficialmente Lei de nº 3.353 de 13 de maio de 1888, restaram apenas duas possibilidades aos escravos: fixarem-se nas periferias urbanas, o qual foi a decisão escolhidas por muitos escravos da área urbana, ou se embrenhar na mata em busca de refúgios nas comunidades quilombolas já existentes, opção adotada pela maioria que pertencia a área rural (BARRETO, 2006). De acordo com o mesmo autor houve casos de abandono de escravos pelos seus senhores, os quais acabaram se organizando em comunidades em busca de sobrevivência e resistência.

Como resultado acabaram por se isolar com comunidades distantes das cidades, até mesmo pelo temor de que a lei áurea viesse a ser revogada e que se retornasse ao sistema escravocrata. Esse distanciamento dessas comunidades, se por um lado fez com que fosse preservada suas especificidades culturais, por outro lado também potencializou a política do abandono executada por parte do poder público, que teve como aliada a dificuldade de acesso físico, para justificar a ausência de investimento do Estado naquelas comunidades (BARRETO, 2006).

Atualmente, o termo quilombo apesar de ter um significado histórico, tem sido visto por novas óticas e assumido outros significados junto aos negros em diversas localidades do país, onde a representatividade define os valores priorizados por este grupo. De acordo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) (2020, np) “as comunidades quilombolas são grupos étnicos, constituídos pela população negra rural ou urbana, que se autodefinem a partir das relações específicas com a terra, parentesco, território, ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias”.

O Quilombo de Palmares foi considerado o maior na história do Brasil, sendo portanto, um ícone da resistência sendo motivo de preocupação pelas autoridades do Brasil Colonial. O quilombo fazia parte do imaginário de luta e resistência e de sobrevivência para muitos escravos que sonhavam com a liberdade (DA SILVA; DA SILVA, 2014).

O termo quilombo enquanto identidade negra do período do Brasil pós-abolicionista só começa a ser apropriado no final dos anos de 1970 por Abdias Nascimento, Clovis Moura e

Décio Freitas, levando à formulação atualmente conhecida do Artigo 68 da Constituição Federal (LEITE, 1999).

No final da década de 1980 a expressão “comunidade remanescente de quilombos”, para descrever um processo de usurpação da cidadania assim como a esperança por mudanças por parte da sociedade brasileira. Leite (1999) ressalta que o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitória, que diz que “aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”, trazendo uma preocupação com a proteção e titulação dos territórios ocupados pelos negros.

O art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003 considera remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida.

Vale salientar que o Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais - PNPCT com o objetivo de promover o desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, com ênfase no reconhecimento, fortalecimento e garantia dos seus direitos territoriais, sociais, ambientais, econômicos e culturais, com respeito e valorização à sua identidade, suas formas de organização e suas instituições.

Com a publicação de legislações, pesquisas científicas e ações de lutas do povo negro, no que tange aos aspectos de direitos, luta por espaço, reconhecimento, respeito entre outros, alguns conceitos são debatidos o qual cita-se aqui, não por serem detalhes quando se trata da temática, mas por serem complexos e exigirem um debate rico que essas páginas não são suficientes a contemplar: Diáspora Africana no Brasil, Descolonização, Decolonialidade, Racismo, Preconceito, Feminismo Negro, Quilombismo, entre outros. Assim como as literaturas/autores que não se pode deixar de citar que são extremamente importantes, os quais citaremos apenas alguns: Abdias do Nascimento, Luiz Gama, Lélia Gonzalez, Walter Mignolo, Catherine Walsh, Nelson Maldonado-Torres, Frantz Fanon, Aníbal Quijano, Paulo Freire, Ramón Grosfoguel, Rita Segato, Boaventura Sousa Santos, Manuel Zapata Olivella, entre outros.

Portanto, assim como coloca Nascimento (2002), quilombo não significa escravo fugido. É uma reunião de pessoas livres, reunião fraterna, de convivência. Os quilombolas dos séculos passados nos deixaram um legado de luta e resistência, de práticas culturais que cabe aos seus descendentes manter viva. Esse artigo, portanto, teve como objetivo geral caracterizar

o Quilombo Sagrado Coração de Jesus, do município de Itacoatiara/Amazonas, a partir das publicações e documentos. Os objetivos específicos foram: a) apresentar fragmento histórico da constituição do Quilombo Sagrado Coração de Jesus do Lago do Serpa; e, b) analisar os principais artefatos culturais que compõem esse espaço.

Percurso Metodológico

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo deu-se por pesquisa documental e bibliográfica. O sistema de exame foi escolhido pela possibilidade de análise e síntese do conhecimento científico que já foram produzidos sobre o tema escolhido. Gil (2008) afirma que pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, podendo ainda ser reelaborados de acordo com o objetivo da pesquisa.

A pesquisa bibliográfica se baseou na técnica do Estado do Conhecimento pautado nas publicações de Morosini (2006, 2015), Morosini e Fernandes (2014), bem como Morosini e Nascimento (2017). Apropriando-se do Banco de Teses e Dissertações da Capes (Brasil), foram adotadas as buscas com os termos: “Itacoatiara; Quilombo”, com 0 resultados; “Itacoatiara; negro” com 07 resultados. A base de dados foi acessada em 24 de maio de 2021.

Ao analisar as áreas e títulos dos artigos, verificou-se que 02 dos 07 documentos retornados tratavam da temática a ser estudada. Buscou-se, então, na mesma base, os termos “Itacoatiara Amazonas Sagrado”, retornando um total de 03 trabalhos e “Itacoatiara Amazonas Cultura” retornaram 32 trabalhos. Foram analisados os resumos dos 35 trabalhos, sendo 03 duplicados, totalizando 32. Após análise dos resumos, foram excluídos 23 trabalhos por não apresentarem o tema desta pesquisa, restando 10 trabalhos para análise. Foi incluída uma dissertação de mestrado que não estava na base, mas por ter sido citada e conter fotos e dados dos documentos históricos, a mesma realizada pelo INPA, foi incorporada, totalizando 10 documentos analisados.

O uso de trabalhos científicos nas revisões bibliográficas justifica-se por oferecerem discussões mais atuais do objeto de estudo. Além disso, o acesso à comunidade está restrito devido a pandemia do Covid-19 impossibilitando a pesquisa de campo.

Resultados e discussões

Um pouco da caminhada da constituição do Quilombo Sagrado Coração de Jesus do Lago do Serpa (Itacoatiara/Amazonas)

No ano de 1855 chegou no Brasil um navio negreiro com aproximadamente 210 escravos porém o mesmo foi apreendido na cidade pernambucana de Sirinhaém dois dias após a sua atracação (JOHN, 2018). Em 1857 o Barão de Mauá (Irineu Evangelista de Souza) o qual tinha duas colônias no Amazonas, uma na orla da capital Manaus na atual ponta das Lajes, e outra em Itacoatiara, solicitou 50 africanos livres ao império para trabalhar de forma remunerada na Colônia Agroindustrial de Itacoatiara. Foi concedida a autorização para levar 36 negros que foram apreendidos em Serinhaém, porém durante a viagem dois deles vieram a falecer (JOHN, 2018; LEAL, 2015).

Uma versão apresentada por Silva (2018), confirma o número de escravos solicitados pelo Barão de Mauá (em torno de 34 escravos) para trabalharem na Colônia de Serpa, a partir da concessão para navegar as águas do Amazonas e desenvolver o comércio de madeira, couro de animais e olarias na região. Sobre o município, Silva (2013) coloca que a fundação da cidade de Itacoatiara se deu com a instalação de um aldeamento dos jesuítas entre os índios Iruri em 1683, nas margens do rio Maturá, afluente da margem direita do rio Madeira (SCHWADE, 2014).

Atualmente o município de Itacoatiara possui o nome que significa itá: pedra; e coatiara: pintada. Itacoatiara tem origem na língua Tupinambá. A cidade possui 220 comunidades, aproximadamente 99 mil habitantes, 24 bairros e quase 20 mil domicílios. Antes denominada Vila de Serpa, em 25 de abril de 1874 se tornou Itacoatiara. A cidade possui um porto fluvial, sendo segundo maior porto fluvial escoador do país (SILVA, 2018), estando à margem esquerda do Rio Amazonas. Com rios, igarapés e lagos, a cidade foi incluída em 2007 como região metropolitana de Manaus tendo uma distância de 270 km da capital por rodovia (AM010) (SCHWADE, 2014). A população do município, conforme analisa Schwade (2014. p.64) por meio dos dados do PNUD, apresenta que em 2010, 17,45% da população em situação de extrema pobreza, 36,6% de pobres e 58,58% em situação de vulnerabilidade à pobreza, mas que esses dados podem ser relativizados uma vez “que a falta de renda monetária é compensada pela possibilidade de produção para autoconsumo, especialmente em se tratando de gêneros alimentícios”.

Apesar de não ser o foco desse estudo a cultura e povos indígenas é preciso destacar que, antes da chegada dos negros na região, “contingentes populacionais de mais de três dezenas de povos e culturas diferentes fizeram parte da história de Itacoatiara” e a maioria dos povos dessa região desapareceu (SCHWADE, 2014, p.5).

Mesmo com a história antes da chegada dos negros a Itacoatiara, de dizimação de povos indígenas, escravização e a busca por apagar essa cultura (ver SILVA, 2013; SCHWADE, 2014,

OLIVEIRA, 2019) a nova Serpa estava em um local estratégico para apoio logístico e controle do território (SCHWADE, 2014). Ao chegarem na colônia industrial de Itacoatiara os afrodescendentes foram batizados pelo Padre Francisco de Paula Cavalcante Albuquerque na Igreja Matriz Nossa senhora do Rosário (CÚRIA, 1857). Dos 34 “africanos livres”¹ da Colônia de Itacoatiara (OLIVEIRA, 2019), sabe-se o primeiro nome apenas de sete deles pela documentação eclesiástica, os quais são: Paulo, Bernardo, Estevão, Rodolpho, Jeremias, Filizardo e Augusto (CÚRIA, 1857).

Figura 1 - Certidão de batismo do africano Bernardo



Fonte: CÚRIA (1857), apud OLIVEIRA (2021)

A maioria dos africanos livres que foram para a Serpa eram homens entre 21 e 48 anos, prestando os serviços de pedreiros, capina, servente, olaria, serraria, agricultura, pecuária, carpintaria naval e lavoura e as duas únicas mulheres prestavam serviços de lavadeiras (LEAL, 2015; OLIVEIRA, 2019). O comportamento dos africanos livres, era considerado como “mau” ou “péssimo” além disso foram classificados também como “turbulentos, dados ao vício de embriaguez”. Esses trabalhadores serviam à Colônia de Itacoatiara por volta de 1855, com registro de crescimento da região quanto ao número de casas identificado pelo menos em 1859 e depois em 1865 (OLIVEIRA, 2019, p. 47).

Itacoatiara na qual existia uma olaria, uma serraria, um estaleiro e uma grande área de terra onde praticava-se agricultura extensiva com plantações de café, mandioca,

¹ “Na primeira metade do século XIX os africanos resgatados nos navios acusados de tráfico – da Inglaterra, Espanha, Portugal e Países Baixos – passaram a ter o status de “livre”, devendo os governos locais supervisioná-los como “trabalhadores livres” antes que fossem emancipados” (MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos livres*. 2017, p.33-34, apud OLIVEIRA, 2019, p.46).

milho, cacau, manga entre outras culturas. O território da Colônia, estendia-se até as margens do Lago de Serpa (OLIVEIRA, 2021, np)

Em 1860, Em 1860 a Colônia foi vendida para iniciativa privada e alguns escravos “livres” continuaram a trabalhar em suas instalações mas não havia trabalho para todos. Alguns negros, com dificuldades de encontrarem trabalho e com dificuldade de viver no ambiente urbano, migraram para uma área, em uma região, na época de difícil acesso o que hoje se tornou a Comunidade Quilombola Sagrado Coração de Jesus do Lago do Serpa (LEAL, 2015; OLIVEIRA, 2019; OLIVEIRA, 2021).

Vale ressaltar que o povo da comunidade quilombola recomeçaram os contatos com a sociedade de Itacoatiara/AM somente no ano de 1965, com a inauguração da rodovia AM/010 (ARAÚJO, 2015; LEAL, 2015; JOHN, 2018). O local onde funcionava a colônia industrial é atualmente conhecido com bairro da colônia no município de Itacoatiara/AM (OLIVEIRA, 2019; LEAL, 2015).

A comunidade Quilombola Sagrado coração de Jesus do lago do Serpa está acerca de 8km da região central de Itacoatiara e o Lago possui comunicação com dois rios: Urubu de águas pretas e rio Amazonas de águas barrentas (SILVA, 2018). Certificada pelo código IBGE 1301902, portaria 139 de 10 de dezembro de 2014 (INCRA, 2020). Atualmente a comunidade é composta por descendentes de escravos, a qual é considerada por alguns estudiosos como a segunda bem mais documentada do Brasil (JOHN, 2018). Constituída pelas famílias Barros; Macedo; Melo; Sabinos; Nascimento; Cantuária; Alencar; Oliveira e entre outras (GONÇALVES, 2017, apud JOHN, 2018), as famílias que ocuparam a área nas proximidades do lago de Serpa ainda vivem do extrativismo e da agricultura (JOHN, 2018). A comunidade não tem acesso as redes de telefonias, não possui nenhuma unidade básica de saúde, e ainda não tem acesso a água tratada, assim como todos os serviços de saneamento básico (LEAL, 2015).

A comunidade possui uma escola, a Escola Municipal Engenheiro Casseano Secundo. Nogueira et al (2019, p.9), destaca também que a escola quilombola “tem como Patrono o Engenheiro Casseano Secundo e funciona com três turmas de 1º ao 5º ano do ensino fundamental, no turno diurno, e à noite atende aos estudantes na modalidade jovens e adultos”. Não há atividades fora do espaço escolar (JESUS, 2009, p.173) e ainda encontra-se em formação o processo de uma educação quilombola (NOGUEIRA et al, 2019). Não foi possível verificar *in loco* se, as pesquisas condizem integralmente com a realidade de hoje, mas acredita-se que poucos avanços foram feitos.

De acordo com Silva (2016) além do contínuo processo de segregação vivenciado pelas comunidades remanescentes de quilombos, acarretou como consequências, as desigualdades no acesso à saúde e aos programas sociais, além de entraves no acesso a bens e serviços diversos. Vale salientar que a Fundação Nacional de Saúde (Funasa) é o órgão no âmbito do Governo Federal responsável pela implementação de ações de saneamento em áreas rurais de todos os municípios brasileiros, inclusive no atendimento às populações remanescentes de quilombos, assentamentos de reforma agrária, comunidades extrativistas e populações ribeirinhas.

Segundo John (2018) a comunidade quilombola possui 141 famílias, com aproximadamente 530 pessoas cadastradas, conforme o trabalho de titulação do território iniciado pelo INCRA em 17/04/2015. “Dentre as 141 famílias, encontram-se 79 com lotes de terra, 37 sem lotes, 15 famílias não quilombolas e 10 famílias quilombolas que não moram mais no território” (MENEZES *et al.*, 2017, apud JOHN, 2018). A comunidade também possui uma Cooperativa dos Produtores Rurais da Comunidade Sagrado Coração de Jesus (Ascope) com homens e mulheres associados, e, em especial, as mulheres que trabalham prestando serviços à comunidade, adotando o manejo do substrato do produto e beneficiando para produção de doces, polpas, bem como administração e execução de eventos ligados a festividade da comunidade ou em eventos e ainda na agricultura (NINA, 2014).

Os moradores da comunidade são em sua grande maioria católicos devotos à Nossa Senhora de Aparecida e poucos são protestantes ou adventistas. É realizado no mês de setembro uma procissão fluvial (Figura 5), porém essa data não é oficial para a igreja católica, que festeja a santa no dia 12 de outubro (LEAL, 2015).

Figura 2 - Procissão fluvial à Nossa Senhora de Aparecida



Fonte: Leal (2015)

Muitos moradores vieram a rejeitar no início a condição de serem descendentes de africanos e da cultura negra, assim como a crença originalmente africana (OLIVEIRA, 2019). Na época do Império, durante o período de incursão da igreja católica na Amazônia, as crenças religiosas foram se perdendo com o tempo, e os festejos e outros costumes da tradição que foram recriminados pelo poder público.

Nogueira et al (2019) em sua pesquisa, registrou o discurso de comunitários o qual se identifica a perda dos costumes e da história dos negros nesse espaço.

Considerações Finais

Acredita-se que objetivo deste artigo que consistia em descrever um pouco da história da Comunidade Quilombola Sagrado coração de Jesus do lago do Serpa do município de Itacoatiara foi atingido. A comunidade quilombola é composta por descendentes de escravos, a qual é considerada por alguns estudiosos como a segunda bem mais documentada do Brasil, sendo constituída pelas famílias Barros; Macedo; Melo; Sabinos; Nascimento; Cantuária; Alencar; Oliveira e entre outras.

A comunidade possui 141 famílias, com aproximadamente 530 pessoas cadastradas, as quais ainda vivem do extrativismo e da agricultura. Os moradores da comunidade são em sua grande maioria católicos devotos à Nossa Senhora de Aparecida, e poucos são protestantes ou adventistas. Vale ressaltar que muitos moradores vieram a rejeitar no início a condição de serem descendentes de africanos e da cultura negra, assim como a crença originalmente africana. Na época do Império, durante o período de incursão da igreja católica na Amazônia, as crenças religiosas foram se perdendo com o tempo, e os festejos e outros costumes da tradição que foram recriminados pelo poder público.

Entende-se que o título e os objetivos contemplam a expressão “fragmento” por se tratar de uma minúscula parte da história e da cultura do povo dessa comunidade. Entende-se que, a riqueza desse espaço de luta carrega por si só uma vasta e quase não delimitável. Também ressalta-se que, apesar de identificado nas publicações a perda do vínculo religioso da comunidade com as tradições negras, entende-se ser uma faísca de um processo de reconhecimento identitário.

Infere-se por meio desse estudo que, além da necessidade latente por pesquisas sólidas e mais profundas não somente no âmbito da constituição histórica dos quilombos, é preciso um olhar para o registro das práticas culturais, sobretudo para os saberes tradicionais de cada povo. Percebeu-se nas publicações analisadas, análises voltadas para a constituição do quilombo, no

sentido histórico, a busca de dados que possivelmente ajudaram muito no reconhecimento da comunidade enquanto remanescente de Quilombo.

Sobretudo, os artefatos culturais e sua “sobrevivência”, assim como os que se perderam com o tempo também precisam ser protagonizados em pesquisas científicas sobre esse contexto. Espera-se portanto, que esse trabalho possa contribuir para futuras pesquisas relacionadas ao tema, assim também como servir de base de informações para futuras políticas públicas destinadas as comunidades tradicionais quilombolas. Entende-se também ser necessário um apoio do poder público e atores sociais para uma orientação educacional voltada para a Educação Quilombola na comunidade.

REFERÊNCIAS

ACERVO CÚRIA PRELATÍCIA DE ITACOATIARA. **Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Serpa**. Paróquia do Alto Amazonas Bispado do Grão-Pará. Pe. Francisco de Paula Cavalcanti Albuquerque. Livro de Batismo n. 04, folha 17-v número de ordem 124, do ano de 1857 (batismo de Africano Livre). Itacoatiara: Cúria Prelatícia, 1857.

BARRETO, J. N. **Implantação de infra-estrutura habitacional em comunidades tradicionais: o caso da comunidade quilombola Kalunga**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

BASSI, Filippo Stampanoni. **A maloca Saracá: uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial, vista da perspectiva de uma casa**. 2016. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Decreto nº 4.887/2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm>. Acesso em: 7 nov. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 6.040/2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>. Acesso em: 2 nov. 2020.

COMISSÃO PRO INDIO DE SÃO PAULO (CPISP). **Quilombolas no Brasil**. Disponível em: <https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/#:~:text=Dados%20do%20governo%20brasileiro%20indicam,do%20Brasil%20at%C3%A9%20a%20Amaz%C3%B4nia>. Acesso em 26 mai 2021.

DA SILVA, Giselda Shirley; DA SILVA, Vandeir José. Quilombos Brasileiros: alguns aspectos da trajetória do negro no Brasil. **Revista Mosaico-Revista de História**, v. 7, n. 2, p. 191-200, 2015.

DA SILVA, Júlio Cláudio; DA ROCHA, João Marinho. Das memórias negras na Amazônia: resistência e luta quilombola no Andará, Barreirinha-AM, Brasil. **África (s)-Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras-PPGEAFIN.**, v. 3, n. 6, 2016.

FERNANDES, C. L. R. O. **Os africanos livres em Pernambuco: 1831 – 1864**. 2010. 121f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco - CFCH, Recife, 2010.

FURTADO, M. B.; PEDROZA, R. L. S.; ALVES, C. B. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Revista Psicologia e Sociedade**. Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 106 -115, 2014.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **Quilombolas**. INCRA, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/governancafundiaria/quilombolas#:~:text=As%20comunidades%20quilombolas%20s%C3%A3o%20grupos,tradi%C3%A7%C3%B5es%20e%20pr%C3%A1ticas%20culturais%20pr%C3%B3prias>>. Acesso em: 10 out. 2020.

JESUS, Edilza Laray de. **Educação e desenvolvimento em áreas agrícolas no Amazonas**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

JOHN, V. **Versões e controvérsias sobre a criação de duas áreas protegidas no Amazonas**. 2018. Dissertação (Mestrado em Gestão de Áreas Protegidas da Amazônia) - Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, 2018.

LEAL, V. Descendentes de escravos no Amazonas conseguem título de remanescentes de quilombo. **A Crítica**, 15 jul. 2015.

LEITE, Ilka Boaventura. Quilombos e quilombolas: cidadania ou folclorização?. **Horizontes antropológicos**, v. 5, n. 10, p. 123-149, 1999.

MOROSINI, M. C. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Revista Educação (UFSM)**, v. 40, n. 1, jan. /abr. 2015, p. 101-116.

MOROSINI, M. C. Estado do conhecimento sobre internacionalização da educação superior – Conceitos e práticas. **Educar**, nº 28, 107-124, 2006.

MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 154-164, jul.-dez, 2014.

MOROSINI, M. C.; NASCIMENTO, L. M. do. Internacionalização da Educação Superior no Brasil: A produção recente em Teses e Dissertações. **Educ. rev. [online]**, vol.33, e155071. Epub Apr 03, 2017.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: um processo de racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NASCIMENTO, A. **O quilombismo**. In: O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Palmares, 2002, p. 269-274)

NINA, Socorro de Fátima Moraes. **Trabalho, Ambiente e Saúde: Cotidiano dos fazeres da mulher rural na Amazônia**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2014.

NOGUEIRA, Evely Caroline L. et al. **A educação quilombola e a luta em prol do meio ambiente na Comunidade Sagrado Coração de Jesus Lago de Serpa Itacoatiara- Amazonas**. Anais da Semana de Informática CESIT/UEA. Volume 7, Número 5. Manaus/AM: UEA Edições, 2019.

OLIVEIRA, Claudemilson Nonato Santos de. **Urbanização no Médio Amazonas: a importância de Itacoatiara/AM como cidade intermediária**. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas. 2007.

OLIVEIRA, C. N. S. **Quilombo de Sagrado Coração de Jesus do lago de Serpa**. 2021. Disponível em: <https://www.franciscogomesdasilva.com.br/quilombo-de-sagrado-coracao-de-jesus-do-lago-de-serpa/>. Acesso em 26 mai 2021.

PALMARES. FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Quilombos ainda existem no Brasil**. Brasília – DF, 2008. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=3041&lang=es>. Acesso em: 9 set. 2020.

PALMARES. FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **QUADRO GERAL DE COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS (CRQs)**. Brasília – DF, 2015. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2015/07/quadro-geral-por-estados-e-regioes-05-02-2021.pdf>. Acesso em: 26 mai 2021.

SCHWADE, Maurício Adu. **Riquezas materiais e imateriais: relações cidade e campo na Amazônia**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2014.

SERRÃO, Arenilton Monteiro. **Colônias agrícolas e campesinato: raízes de uma nova territorialidade no médio Rio Amazonas, município de Urucará-AM**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal do Amazonas. 2018

Agradecimentos:

Em especial, agradecemos ao Professor da UFAM, Claudemilson Nonato Santos de Oliveira, que participou do processo de construção do dossiê da comunidade Quilombola e se prontificou a ajudar nesse artigo com envio de materiais.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM, pelo apoio com a bolsa de Iniciação Científica.